

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - LICENCIATURA**

Letícia Baldasso Moraes

**REPRESENTAÇÕES CULTURAIS SOBRE A BRIZOLETA DO
INSTITUTO RIO BRANCO EM PORTO ALEGRE**

Orientador: Fabiano Bossle

Porto Alegre

2014

Letícia Baldasso Moraes

**REPRESENTAÇÕES CULTURAIS SOBRE A BRIZOLETA DO
INSTITUTO RIO BRANCO EM PORTO ALEGRE: O LUGAR E O
TEMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Educação Física.

Orientador: Fabiano Bossle

Porto Alegre

2014

Letícia Baldasso Moraes

**REPRESENTAÇÕES CULTURAIS SOBRE A BRIZOLETA DO
INSTITUTO RIO BRANCO EM PORTO ALEGRE: O LUGAR E O
TEMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Educação Física.

Conceito final:

Aprovado em de.....de.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Aos meus orientadores da vida,

Luís e Ângela

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, que me ensinaram desde os primeiros passos a trilhar o caminho do bem; por serem absolutamente quem eles são, me dando os melhores exemplos acerca do amor, da inteligência e de fazer o bem ao próximo. Agradeço a eles por eu ser quem eu sou, e eles me amarem assim mesmo.

Agradeço aos meus familiares, por estarem sempre por perto me dando apoio, confortos nas palavras e carinho, nos momentos em que eu mais precisava.

Agradeço ao meu namorado, por ficar em segundo plano durante o último semestre da faculdade, por aguentar os meus surtos metodológicos, por me dar um abraço apertado quando eu mais precisava e por sempre me lembrar de que eu era capaz, quando eu mesma já não acreditava que era.

Agradeço aos meus amigos, por me proporcionarem momentos de tranquilidade durante a loucura instaurada em minha mente em diversos momentos nos sete longos anos de graduação.

Agradeço ao meu irmão, por ser meu braço direito, o meu ombro amigo, o meu pé torcido e absolutamente toda a minha semelhança personificada em uma só pessoa.

Agradeço aos meus orientadores no decorrer da graduação, Silvana Goellner e Fabiano Bossle, por me fazerem sempre questionar, pesquisar, sempre evoluindo intelectualmente, me motivando a um maior envolvimento acadêmico e descobertas de novos rumos.

Por fim, agradeço a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul por toda educação e conhecimento que adquiri na graduação.

*“O significado das coisas não está nas coisas em si,
mas sim em nossa atitude com relação a elas.”*

(Antoine de Saint-Exupéry)

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo recontar a história da Brizoleta do Instituto Estadual Rio Branco utilizando a metodologia da história cultural e oral. Através de documentos e entrevistas com o corpo docente da instituição foi possível reconstituir o valor cultural da Brizoleta e identificar sua importância para a escola. Para melhor entendimento sobre as Brizoletas, a história de vida de Leonel Brizola e a época nas quais elas foram construídas (1959 a 1963) foram detalhadas, permitindo a reconstrução do cenário social, político e cultural do período. Através da análise das informações dos professores foi possível compreender a disposição do corpo docente para um projeto que vise a revitalização da Brizoleta e a sua possível utilização como um espaço alternativo dentro do Instituto. No presente estudo também foi possível, através de pesquisas sobre leis e documentos relacionados ao Instituto Nacional do Patrimônio histórico, prosseguir com a sugestão da Brizoleta constituir-se como um patrimônio cultural do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Brizoletas, História Cultural, História Oral, Patrimônio Cultural, Leonel Brizola, Educação.

ABSTRACT

The present study aims to retell the story of the Brizoleta located at the Instituto Rio Branco, based on the methodology of cultural and oral history. Through documents and interviews with the faculty, was possible to reconstruct the cultural value of the Brizoleta and define its importance to the school. To better understand the Brizoletas, the life's story of LeonelBrizola and the decade in which the Brizoletas were built (1959-1963) will be detailed. . Through the analysis of teachers' responses, we could conclude that the revitalization and conservation of the Brizoleta is a wish of all the community and they also want to gain an alternative space within the Institute. In the present study also was possible, through research on laws and documents related to the National Institute of Historical Heritage, the suggestion Brizoleta to establish itself as a cultural heritage of Rio Grande do Sul.

Key words: Brizoletas, Cultural History, Oral History, LeonelBrizola, Education, Historic Heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Brizoleta localizada no pátio da Educação Infantil no Instituto Rio Branco | 12 |
| Figura 2 - Estado atual da Brizoleta localizada no Instituto Estadual Rio Branco | 13 |
| Figura 3 - Encontro para discutir situação da Brizoleta do Instituto Rio Branco (da direita para a esquerda: Letícia Baldasso, André Fortes (assessor parlamentar), Jocemir (vice diretor), Juliana Brizola e Elsa dos Anjos(diretora))..... | 46 |
| | |
| Tabela 1 - Situação das obras no Estado em 1963..... | 23 |
| Tabela 2 - Professores entrevistados e suas respectivas funções..... | 30 |

Sumário

| | |
|---|----|
| 2 BRIZOLA E AS BRIZOLETAS..... | 17 |
| 2.1 BRIZOLA..... | 17 |
| 2.1.1 A vida de Brizola..... | 17 |
| 2.1.2 Trajetória Política..... | 18 |
| 2.1.3 Brizola e a Educação..... | 20 |
| 2.2 AS BRIZOLETAS..... | 22 |
| 3 METODOLOGIA..... | 26 |
| 3.1 UNIDADE DE ANÁLISE..... | 26 |
| 3.2 MÉTODO UTILIZADO..... | 26 |
| 3.3 COLETA DE DADOS..... | 29 |
| 4 DISCUSSÃO..... | 31 |
| 4.1 DIFICULDADES NA OBTENÇÃO DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS..... | 31 |
| 4.2 AS APARÊNCIAS, ASSIM COMO A FALTA DE DOCUMENTAÇÃO, ENGANAM..... | 32 |
| 4.3 BRIZOLETAS PELO RIO GRANDE DO SUL..... | 33 |
| 4.4 POSSÍVEIS FORMAS DE UTILIZAÇÃO DA BRIZOLETA NO INSTITUTO..... | 36 |
| 4.5 PATRIMÔNIO CULTURAL X BRIZOLETAS..... | 37 |
| 5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS..... | 39 |
| 5.1 SURPRESAS NA REALIZAÇÃO DO ESTUDO..... | 39 |
| 5.2 APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS RELACIONADAS AO ROTEIRO BÁSICO..... | 40 |
| 5.2.1 Você sabe o que é aquela construção de madeira perto da educação..... | 41 |
| 5.2.2 Você já deu aula lá?..... | 41 |
| 5.2.3 O que você sabe sobre ela?..... | 41 |
| 5.2.4 Qual o valor dela para o Instituto Estadual Rio Branco?..... | 41 |
| 5.2.5 Qual o valor dela para você?..... | 42 |
| 5.2.6 O que você acha que deveria ser feito com aquela construção?..... | 43 |
| 5.3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS..... | 44 |
| 5.4 REPERCUSSÕES DO ESTUDO..... | 45 |
| 6 CONCLUINDO... .. | 47 |

INTRODUÇÃO

Na complexa sociedade atual, o sujeito urbano está exposto a profusas informações advindas das novas tecnologias, sendo muitas delas reproduzidas com total superficialidade, sem registrar suas histórias e memórias. Vivemos numa época transitória, na qual só importa o presente, o agora, o *como* chegar ao destino desejado na hora desejada, não importando o caminho. Somos bombardeados por novas informações, notícias, conhecimentos, músicas, ideias e ideais a todo o momento.

Estamos sempre apressados, atrasados e só conseguimos pensar no que temos que fazer amanhã e depois. Não há mais tempo para nos conhecermos, conhecermos de onde viemos, saber como chegamos onde estamos. Muitas vezes não conhecemos nem nossos vizinhos, o que dirá a formação do nosso bairro. Da mesma forma, parece que muitos indivíduos não se importam em saber a história do seu país, da sua cidade, e, talvez, muito menos da sua escola.

A partir do estudo do passado podemos entender o processo de transformação da sociedade. O acúmulo de conhecimento dos homens possibilitou mudanças substanciais no modo de vida da humanidade e do próprio homem, além de abrir horizontes de transformações em nossa sociedade. Acredito que o retorno ao passado, numa tentativa de buscar fatos ocorridos, contribui para se encontrar meios e formas de entendermos e mudarmos a realidade dos dias atuais.

O mundo, tal como o vemos, apropriamo-nos e transformamos é sempre um mundo qualificado, construído socialmente pelo pensamento. Esse é o nosso “verdadeiro” mundo, mundo pelo qual vivemos, lutamos e morremos. (PESAVENTO, 2009).

Segundo Goellner (2003), a memória não nos aprisiona ao passado, mas nos conduz a indagar o presente. Para entendermos melhor o significado das nossas práticas atuais, tanto como indivíduos, como parte de uma sociedade, devemos em primeiro lugar, saber como nos configuramos nessa maneira na qual vivemos.

Uma das maneiras de entendermos nosso presente é através da evolução do uso de espaços públicos. A importância de saber o surgimento desses espaços nos remete a uma melhor interpretação sobre seus significados e representações. Nesse

estudo, entende-se espaço público como um local destinado para o uso comum e posse de todos os cidadãos. Nele se desenvolvem atividades coletivas, com trocas de experiências entre diferentes grupos sociais. Conforme Lynch (1988) o espaço público, através dessa concepção, está relacionado com a formação de uma cultura agregadora e compartilhada entre os sujeitos.

Segundo Tomaz (2010), não é possível preservar a memória de um povo sem, ao mesmo tempo, preservar os espaços por ele utilizados e as manifestações quotidianas de seu viver.

Essa dissertação será focada na importância cultural de uma Brizoleta¹, localizada nas dependências do Instituto Estadual Rio Branco. O estudo foi realizado através da análise de documentos históricos e depoimentos de pessoas do atual corpo docente, sobre o passado e o presente da Instituição na qual trabalham.



Figura 1 - Brizoleta localizada no pátio da Educação Infantil no Instituto Rio Branco

Fonte: Acervo Pessoal, 2014

¹O surgimento da palavra Brizoleta veio em primeiro lugar para denominar um título da dívida pública emitido pelo governo do Estado para financiar as ações do II Plano de Obras e depois passou a identificar as escolas.

Resolvi iniciar o presente estudo por entender que esta Brizoleta possa ser considerada como um patrimônio cultural². Ao mesmo tempo fiquei sensibilizada com o descaso existente na sua manutenção. Naquela simples construção de madeira, consegui visualizar imagens de alunos, antes privados de educação, comida e vestuário, usufruindo os mesmos com uma alegria inenarrável. Pude sentir o quanto ela foi importante para alunos, professores e outros tantos envolvidos; o quanto ela conseguiu inspirar de esperança, sonhos e promessas de um futuro melhor, basicamente através do conhecimento e do estudo. Acredito que esse seja um dos melhores sentimentos que professores e alunos possam desejar.

Vejo nessa construção um sonho adormecido, mas ao mesmo tempo latente. Um sonho por um Rio Grande do Sul totalmente alfabetizado e educado. Um sonho no qual as escolas iriam ao encontro das crianças e não as crianças ao encontro da escola. Uma época na qual se acreditava que a educação era a solução de todos nossos problemas e que um povo educado iria desenvolver-se melhor e com mais equidade.



Figura 2 - Estado atual da Brizoleta localizada no Instituto Estadual Rio Branco

Fonte: Acervo Pessoal, 2014

² A definição de patrimônio cultural será explicitada no decorrer do estudo.

A Brizoleta do Instituto Estadual Rio Branco, é uma construção com duas salas e um banheiro. Como pode ser visto na figura 2, encontra-se atualmente em situação de total abandono, oferecendo risco às crianças a sua volta pela sua estrutura cheia de madeiras podres. Seus únicos habitantes, no momento, são cupins e outros pequenos animais impróprios para o ambiente escolar.

Recorrendo a Secretaria de Educação de Porto Alegre encontrei uma entrevista de Brizola na Revista do Ensino, datada de maio de 1961, citando que aquele era o “ano da escolarização”. Discorre ainda sobre a importância desse projeto do governo, que levaria educação para pequenas coletividades rurícolas e aumentaria as vagas nas escolas da capital, diminuindo assim o déficit escolar.

Pelo teor da entrevista pode-se sentir a euforia pela qual a sociedade passava naquele momento. Ainda de acordo com a revista, no dia 7 de março de 1961, foi realizada uma solenidade entregando simbolicamente duas mil escolas para o Rio Grande do Sul, que representariam um aumento de trezentas mil novas matrículas. Na homenagem feita para o então governador do estado, Brizola reforçou mais uma vez o seu foco na erradicação do analfabetismo e ao desenvolvimento do ensino técnico-profissional. Um trecho da matéria nos traz a seguinte frase: “O estado mais alfabetizado do Brasil quer trocar o MAIS por um COMPLETAMENTE nenhuma criança sem escola no Brasil.”

Pode-se perceber também, pelo teor da matéria, a grande influência positiva que o governador tinha sobre a população. Ele convenceu-os de que seria pela e somente pela educação que o país iria desenvolver-se. Conforme informações da entrevista, em apenas 24 meses foram investidos nove bilhões de cruzeiros resultando em duas mil novas escolas e trezentas mil matrículas.

“A nova posição ‘Nenhuma criança sem escola’; ao assumir a chefia do Executivo, tornou-se patente que o principal objetivo do atual Governo seria afastar os obstáculos que se opunham a um perfeito desenvolvimento do ensino primário e técnico, dando assim solução a uma das mais sentidas reivindicações de coletividade rio-grandense.” (REVISTA DO ENSINO, 1961, pág. 11)

Nesse trecho, quase podemos apalpar o sentimento de esperança que planava pelo ar nos cidadãos. Para onde foi todo esse sentimento? Para onde foi toda essa esperança? Essa credibilidade que eles visivelmente depositavam nos seus governantes não se vê igual há anos. Atualmente, mesmo com todo o acesso às informações que possuímos, os cidadãos estão conformados com a falta de qualidade escolar.

A Brizoleta era um dos reflexos desse pensamento, a personificação de um projeto no qual a educação de qualidade era prioridade. É um dos símbolos de uma época na qual se acreditava em mudanças. Uma construção como essa deve receber o merecido valor, deve ser estudada e analisada. Inclusive a análise dos conteúdos escolares pode explicitar uma época, uma forma de pensar e viver, auxiliando nos estudos da história do Rio Grande do Sul, antes da ditadura. E principalmente, pode ajudar as crianças a terem outra visão da história, vendo-a como uma história viva, uma história que possam entender e utilizar no dia-a-dia.

No turbilhão dos dias atuais é importante que as pessoas lembrem que nossos atos e pensamentos sempre terão repercussões no futuro e que poderão perdurar por muito tempo. Um bom exemplo disso é o ideal contido no projeto político de Brizola por um Rio Grande do Sul totalmente alfabetizado. Esses ideais foram consolidados na construção das inúmeras Brizoletas que até hoje estão a disposição da comunidade.

Conforme Claudemir (2001) na concepção de Brizola, a educação representa um caminho que precisa ser trilhado com vistas a uma sociedade mais justa, “isenta de conflitos, livre de antagonismos irreconciliáveis, tendente à maior harmonia, na cordialidade fraternal de sua convivência, nunca distanciado dos generosos ditames da solidariedade humana” (*Mensagem*, 1960, p. 21).

Dentre tantos outros cabem os seguintes questionamentos: Passados 50 anos os ideais propostos por Brizola podem ser considerados atingidos? A construção das Brizoletas teve alguma influência na educação do Estado? Qual o valor dado pelos docentes do Instituto Estadual Rio Branco para a Brizoleta?

Dessa forma o objetivo principal do trabalho se consolida em, através de entrevistas baseadas na metodologia da história oral e história cultural, compreender o lugar das Brizoletas para os professores do Instituto Estadual Rio Branco em Porto Alegre e, de forma complementar apresentar os seguintes objetivos específicos a serem desenvolvidos:

- a) Recontar a história da Brizoleta localizada dentro das dependências do Instituto Estadual Rio Branco e analisar sua importância cultural, sentimental dentre outras, para o corpo docente do Instituto;

- b) Identificar o valor histórico das Brizoletas para os professores do Instituto Estadual Rio Branco;
- c) Explicar um pouco sobre a importância de determinadas construções históricas como passíveis de serem trabalhadas como patrimônio cultural, e introduzir o assunto das brizoletas como possíveis formas de trabalhar a história do Rio Grande do Sul em diferentes ambientes de aprendizagem como escolas e faculdades;
- d) Construir argumentos favoráveis à proposição, a partir das informações coletadas, de alternativa de preservação e resgate da brizoleta como patrimônio cultural, inclusão como conteúdo de ensino nas disciplinas pertinentes do currículo escolar e possível espaço de utilização.

Esse estudo recontará a história das Brizoletas, traçando um caminho desde a sua fundação, até os dias atuais através de artigos científicos, monografias, teses de mestrado e doutorado, pesquisas na rede virtual, além de entrevistas com diversas pessoas relacionadas ao assunto. A monografia em questão irá se aprofundar sobre as representações culturais da Brizoleta do Instituto Estadual Rio Branco e seu valor dentro do corpo docente.

2 BRIZOLA E AS BRIZOLETAS

Nesse capítulo nos aprofundaremos na história de vida de Brizola, o caminho que o levou a ter a educação como prioridade, sua trajetória política e sua importância na história do Estado. Mergulharemos também na construção do projeto “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul”, suas repercussões na sociedade, seus objetivos e resultados.

2.1 BRIZOLA

2.1.1 A vida de Brizola

Leonel Moura Brizola nasceu no dia 22 de janeiro de 1922, numa casa simples de madeira construída pelo próprio pai em Cruzinha, atualmente uma região localizada no município de Carazinho no estado do Rio Grande do Sul. Filho caçula de uma família com quatro meninos e uma menina. Devido ao seu envolvimento no grupo dos maragatos na revolução federalista de 1923, seu pai, José de Oliveira Brizola, foi assassinado quando Brizola tinha apenas um ano de idade.

Com a morte do pai, a mãe de Brizola, Onívia de Moura Brizola, ficou responsável pela educação e sustento das cinco crianças. A família acabou perdendo todas as suas terras. Mesmo com todas as dificuldades, dona Onívia conseguiu alfabetizar todos seus filhos.

Brizola teve uma infância difícil, batalhando muito para ter acesso à educação. Foi para a capital do estado com apenas 14 anos, 60 mil réis para a passagem, algum dinheiro doado pela Sociedade de Senhoras da Igreja Metodista para sua manutenção e uma carta de recomendação do prefeito de Carazinho. E é com essa força de vontade que Brizola inicia sua jornada na capital Porto Alegre, da qual saíram frutos reconhecidos até hoje. Com um caminho sempre árduo na sua frente, formou-se como técnico agrícola na ETA (Escola Técnica de Agricultura) em Viamão e a seguir Engenheiro Civil na Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul.

Em 1949 formou-se Engenheiro Civil na Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul. Em 1950, um ano depois de formado, Brizola casa-se com

Neuza Goulart, irmã de João Goulart³, tendo como padrinho de casamento nada menos que o Getúlio Vargas⁴.

2.1.2 Trajetória Política

Segundo trecho da sua autobiografia publicada pela Assembleia Legislativa, a sua inserção política no PTB⁵ começa no momento em que Brizola: “leu e gostou de um manifesto do recém-criado Partido Trabalhista Brasileiro, o PTB, publicado num jornal na capital” (2004, pág. 27). Ingressa no PTB em 1945 e torna-se responsável pela Ala Moça do partido.

Em 1946 com uma campanha baseada na mensagem: “não se pode entender como um estudante militar tem tudo – livros, fardamento, pensão e até um ordenado – e nós não temos nada.”, Brizola torna-se deputado estadual aos 25 anos de idade (2004, pág. 27). Foi reeleito deputado estadual em 1950.

Conforme Claudemir (2007) Brizola construiu sua carreira política a partir da estrutura do PTB, sob a influência doutrinária de Alberto Pasqualini⁶, e seu discurso irá refletir o corpo teórico pasqualinista, notando-se a presença de duas questões centrais: desenvolvimento e educação.

No ano de 1951 tenta eleger-se prefeito da capital, perdendo para Ildo Meneghetti representante da Frente Democrática, formada pelo PSD⁷, UDN⁸ e PL⁹.

Em 1956 consegue virar o jogo e vence as eleições para prefeito de Porto Alegre contra Euclides Triches, por grande maioria de votos. Seu mandato como prefeito tem como tema principal o lema: “Nenhuma criança sem escola”. No início de seu mandato efetua um levantamento sobre a situação das escolas da capital verificando que apenas 17 delas funcionam em boas condições. A partir daí, Brizola concluiu construção de diversos prédios escolares e ampliações de outros estabelecimentos de ensino. (CEMIM, 2010)

³ Conhecido popularmente como “Jango” foi presidente do Brasil de 1961 a 1964.

⁴ Getúlio Vargas foi presidente do Brasil em dois momentos distintos: em 1934 eleito como presidente pela Assembléia Nacional Constituinte e de 1937 a 1945 como “presidente-ditador”.

⁵ PTB: Partido Trabalhista Brasileiro. Criado por Vargas reunindo pensadores como Alberto Pasqualini e Fernando Ferrari, em 15 de maio de 1945.

⁶ Pasqualini foi um dos principais elaboradores do programa do PTB.

⁷ PSD: Partido Social Democrático.

⁸ UDN: União Democrática Nacional.

⁹ PL: Partido Libertador.

Fortalecido dentro do partido, Brizola defende a importância da educação e desenvolvimento do Estado, com maior assistência financeira aos municípios, quitação das finanças do estado, com menor efeito sobre o contribuinte e municipalização de serviços. Tudo isso através de muito planejamento e projetos bem detalhados e específicos. No seu mandato como prefeito de Porto Alegre, Brizola construiu 137 novas escolas primárias, para 35 mil alunos, reduzindo substancialmente o déficit escolar da cidade.

Em 1958 é indicado pelo PTB para disputar o governo estadual. Graças ao seu bom desempenho como prefeito de Porto Alegre, vence a disputa para Governador do Rio Grande do Sul, com mais de 55% dos votos válidos.

Brizola assume em 31 de janeiro de 1959, para um período de quatro anos. Segundo BEMFICA (2001), além da educação, o governo de Brizola apontava para mudanças significativas em outros aspectos: uma reativação do setor primário com investimentos consideráveis em infraestrutura (armazenagem e transportes) e para uma autossuficiência em setores estratégicos tais como energia e comunicações.

Em 1961, como governador do Rio Grande do Sul, Brizola contrário ao rumo que a política estava tomando, lidera um movimento pela legalidade, com base em uma cadeira de rádios em um estúdio localizado nos porões do palácio do governo.

A situação política no país só piorava rumo ao conservadorismo das forças de direita. Em 1962, Leonel Brizola muda-se para o Rio de Janeiro e é eleito deputado federal. Os militares, em 1964, comandaram um golpe que derrubou o governo do Presidente Jango e instalou no país uma ditadura militar. Opondo-se a ditadura, Brizola é exilado e muda-se para o Uruguai.

Em 1977, Brizola é expulso do Uruguai, por pressão dos governantes brasileiros e acaba indo para os Estados Unidos onde acabou obtendo o apoio do presidente Carter. Em 1978, residindo em Lisboa, e fortalecido politicamente, realiza em Julho um encontro com trabalhistas e socialistas brasileiros com a intenção de fazer renascer o PTB.

Em 1979, com a lei da anistia, Brizola finalmente consegue retornar ao Brasil. Já na sua volta, Brizola dedicou-se arduamente a reorganização do PTB, contudo, Golbery¹⁰ (o ideólogo da ditadura) obrigou-o a entregar a sigla. Brizola não se dando por vencido, funda então o Partido Democrático Trabalhista (PDT).

¹⁰ Golbery do Couto e Silva

Elege-se como governador do Rio De Janeiro, sendo o primeiro e único governante em dois estados distintos. Como governador do Rio de Janeiro, Brizola e seus companheiros, instalam os CIEP's (Centros Integrados de Educação Pública).

Por duas vezes foi candidato a presidente do Brasil pelo PDT, não conseguindo ser eleito. Morre no dia 21 de junho de 2004, aos 82 anos de idade, vitimado por problemas cardíacos.

Hoje ele é considerado o último dos representantes de um jeito de se fazer política que é dado como extinto. Um jeito no qual populismo, trabalhismo e getulismo se confundiam (BEMFICA, 2001)

2.1.3 Brizola e a Educação

Desde o início de sua trajetória política a educação foi o ponto primordial de todas as suas campanhas. Conforme FC Leite Filho (2008, p.151) “O esforço pela educação foi a marca maior da vida do Brizola. Sua noção é de que ela está na raiz da saída para o desenvolvimento e para a própria crise brasileira. Sem educação, insistia, não há nada.”

Brizola sempre acreditou que a educação era a base primordial de um indivíduo e que com o crescimento do número de pessoas bem instruídas e com acesso a educação, o país cresceria e a sociedade se desenvolveria como um todo.

No seu mandato como governador do Estado Brizola cria um grupo de trabalho como objetivo de efetuar uma análise pormenorizada e uma crítica da situação de ensino primário em nosso Estado. Visava focalizar as deficiências verificadas e, ao mesmo tempo, apontar as medidas corretivas julgadas necessárias. Segundo a revista de Ensino (1961) o grupo de trabalho (GT-1) é coordenado pelo secretário de Educação, José Mariano de Freitas Beck e composto por técnicos da SEC.

A falta de vagas, de professores, o alto índice de analfabetismo e de evasão do ensino infantil foram alguns dos dados apurados. Foram essas informações que serviram de base para a elaboração do Plano de Emergência de Expansão do Ensino Primário, estabelecendo duas metas gerais a serem alcançadas pelo governo: a escolarização de todas as crianças em idade escolar dos sete aos quatorzeanos e a erradicação do analfabetismo.

A partir dessas duas metas, o governo inicia a implementação do programa Nenhuma Criança Sem Escola no Rio Grande do Sul, que havia sido idealizado em 1946 adequando-se as constituições de 1934, 1937 e 1946, que determinavam a obrigatoriedade escolar. Contudo, por mais obrigatória que fosse a educação, o país não tinha (e ainda não tem) condições de oferecer a acessibilidade às crianças. Segundo CLAUDEMIR (2003), em 1950, 50% da população brasileira era analfabeta.

Esse programa, num primeiro momento, ficou conhecido como o Plano das Duas Mil, em razão da meta governamental de construir duas mil escolas em dois anos. Leonel Brizola denominou 1961 como o ano da educação e o Plano de Emergência de expansão do ensino primário é assinado no dia 7 de março de 1961 na reitoria da UFRGS (BRIZOLA, 2013).

Para alcançar as metas do grande plano educacional, é feita a reestruturação da Secretaria de Educação e Cultura (SEC), que, nas palavras do então Governador Leonel Brizola: seria “uma das mais importantes [secretarias] da atual administração”¹¹.

Foram criadas três subsecretarias vinculadas a SEC: a de Ensino Primário, a de Ensino Médio e a do Ensino Técnico. Com elas em funcionamento, a SEC foi encarregada de cuidar do planejamento detalhado de como enfrentar o déficit escolar calculado em 1959, de 284.652 matrículas (CLAUDEMIR, 2007).

Para tanto foram criadas cinco estratégias de ação:

A primeira foi a criação do Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário (SEDEP) responsável pelo gerenciamento do Programa de Expansão descentralizada do Ensino Primário. Basicamente era um programa de convênios envolvendo Estado e municípios. Os municípios informavam quais eram suas necessidades para com a educação e o Estado desenvolvia uma maneira de fornecer meios técnicos e financeiros para a execução das obras.

A segunda estratégia foi a criação da Comissão Estadual de Prédios Escolares (CEPE) que funcionava como um órgão de cooperação entre a Secretaria de Educação e a Secretaria de Obras Públicas. Seu presidente era o Secretário de Educação e Cultura e o objetivo desse órgão era estudar, planejar, projetar e

¹¹(Revista do Ensino, v. 9, n° 65, p. 11)

executar tarefas de conservação, reparos, adaptação e todo o entorno para que as Brizoletas fossem construídas e conservadas onde quer que estivessem.

A terceira foi a contratação de professores. Há dados que entre 1959 a 1962 foram admitidos 42.153 novos professores (BRIZOLA, 2013).

A quarta estratégia foi a compra de vagas em escolas particulares em troca da cedência de professores estaduais. O Estado repassava verbas e professores para as escolas particulares em troca de vagas para aqueles que não tinham condições de pagar a mensalidade. Em 1959 foram cedidos 591 professores, em 1960 foram 812 e em 1961 foram 668.

A última estratégia foi a concessão de bolsas de estudos para o curso primário, que eram possíveis graças as outras ações previamente explicadas aqui. De 1959 a 1963 foram concedidas 39.601 bolsas de estudo para o curso primário a partir do terceiro ano. (BRIZOLA, 2013).

Conforme CLAUDEMIR (2001, p. 5):

“A ação educacional do Estado assumiu um caráter eminentemente político. Baseava-se no princípio de que a intervenção estatal era necessária e imprescindível para civilizar e preparar o povo. A escola devia ser uma referência para a comunidade. Por meio dela, o povo seria educado, civilizado e preparado para promover o progresso e o desenvolvimento do estado”.

2.2 AS BRIZOLETAS

As Brizoletas, também conhecidas como escolinhas do Brizola, são fruto do projeto denominado “Nenhuma criança sem escola no Rio Grande do Sul” criado por Leonel Brizola em 1946 e implementadas a partir de 1959, quando é eleito como governador do Estado.

O projeto teve grande repercussão em todo o Estado. Dos 154 municípios gaúchos da época, 147 firmaram parcerias com o governo para a construção das escolinhas.

Ao convencertodo o Estado sobre a importância da implementação das Brizoletas, Brizola conseguiu baratear alguns custos de materiais e mão de obra. A disponibilidade de madeira no interior do estado ajudou a baratear a construção das escolinhas. Em algumas escolas do interior do estado, pessoas trabalhavam gratuitamente nas construções. Eram construções simples, não importando o luxo ou

a estética e sim o conhecimento que seria passado a crianças que nunca haviam tido oportunidades de estudar antes. Para conseguir as verbas necessárias Brizola mobilizou as comunidades, as prefeituras e o próprio ensino privado.

Nas palavras de LEITE FILHO (2008, p. 156):

“O governo recorreu à criatividade para obter os enormes recursos necessários ao cometimento. Para isso, aumentou os investimentos em educação em 22,76% do orçamento global, criou uma taxa de educação, cobrando 20% sobre todos os impostos; emitiu apólices do tesouro estadual, rigidamente pagas, a ponto de seu valor igualar ao cruzeiro, a moeda nacional da época; e ordenou a transferência para a secretária da educação de todos os recursos humanos e materiais disponíveis ou subutilizados nos outros órgãos do governo.”

Segundo BRIZOLA (2013) entre 1959 e 1962 foram construídas 5.902 mil escolas primárias, 278 escolas rurais e urbanas e 131 ginásios, colégios e escolas normais. Isso dá o total impressionante de 6.302 novas instituições destinadas ao Ensino.

Já conforme levantamento feito por Claudemir (2007), analisando os relatórios da CEPE de 1963 - detalhado em tabela abaixo – os números foram um pouco diferentes. Nos quatro anos de governo, construíram-se 1.045 prédios escolares, com 3.360 salas de aula e capacidade para 235.200 alunos; foram iniciados 113 prédios, com 483 salas e capacidade para 33.810 alunos; e planejados 258 prédios, com 866 salas de aula e capacidade para 60.620 alunos.

| Plano | Obras concluídas | | | Obras iniciadas | | | Obras planejadas | | |
|---------------|------------------|-------|------------|-----------------|-------|------------|------------------|-------|------------|
| | Prédios | Salas | Capacidade | Prédios | Salas | Capacidade | Prédios | Salas | Capacidade |
| A | 158 | 708 | 49.560 | 0 | 0 | 0 | 0 | | 0 |
| B | 562 | 1.304 | 91.280 | 50 | 116 | 8.120 | 206 | 470 | 32.900 |
| F | 119 | 587 | 41.090 | 14 | 69 | 4.830 | 20 | 130 | 9.100 |
| FM | 55 | 223 | 15.610 | 5 | 19 | 1.330 | 9 | 29 | 2.030 |
| Especial | 59 | 220 | 15.400 | 6 | 23 | 1.610 | 1 | 2 | 140 |
| Retomada | 43 | 91 | 6.370 | 1 | 2 | 140 | 2 | 2 | 140 |
| Ampliações | 43 | 01 | 14.070 | 37 | 254 | 17.780 | 20 | 233 | 16.310 |
| Prédio piloto | 6 | 26 | 1.820 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Total | 1.045 | 3.360 | 235.200 | 113 | 483 | 33.810 | 258 | 866 | 60.620 |

Fonte: Relatório de obras da Cepe.

Tabela 1 - Situação das obras no Estado em 1963

Fonte: Claudemir (2001)

Conforme BEMFICA (2007) segundo números das séries históricas do IBGE, entre 1958 e 1962, em todas as redes municipais, o aumento no número de matrículas foi menos da metade daquele indicado na mensagem do governador¹², e totalizou 36.360.

Explicando os números, BEMFICA (2007) relembra das dificuldades para que a evolução da educação realmente fosse adiante. Havia muitas relações sociais e políticas que ainda eram vinculadas a heranças de uma sociedade tradicional, oligárquica e patrimonial, que não evoluíam na mesma velocidade com que Brizola queria introduzir a educação em todos os cantos do Rio Grande do Sul. Mesmo com a implementação de milhares de novos ambientes escolares, a maioria da população seguia analfabeta. Houve avanços na área da Educação, mesmo que esses fiquem muito aquém daqueles anunciados pela propaganda petebista.

Mesmo com todos os impasses, Brizola conseguiu instituir prioridades próprias de seu governo, originais até então, atendendo demandas de parte significativa da população, melhorando as condições de ensino, traduzindo-se em uma ampla extensão da rede de ensino. Todas as ações governamentais de seu governo tinham um fim muito preciso: educar o povo para inseri-lo em um contexto de urbanização e industrialização para, enfim, viver em uma sociedade desenvolvida, moderna e mais justa (CLAUDEMIR 2001).

Mesmo com dados contrastantes em diferentes estudos, não se pode negar o aumento na oferta de educação de qualidade, acesso a alimentação e vestuário proporcionados pelo projeto de uma melhor educação. Se perguntarmos para pessoas que eram crianças na época de 1960, com certeza acharemos diversas que devem sua educação às Brizoletas.

Em depoimento a revista *Brizola Brasil* (2004, p. 34) Caco Barcellos, famoso jornalista da Rede Globo, responsabiliza e agradece Brizola por ter fornecido o seu primeiro lápis, o seu primeiro caderno, um sapato padrão das “*brizolinhas*” e uma oportunidade de praticar esporte e música em espaços dignos, devido as milhares de escolas públicas construídas. A respeito do sapato, Caco Barcellos relembra:

¹² Mensagem encaminhada à Assembleia Legislativa no início de 1962, no qual Brizola informava que os convênios com os municípios haviam possibilitado, até aquele momento, a construção de três mil prédios.

“Lembro como se fosse hoje, que ouvi a justificativa do Brizola pelo rádio: É um absurdo que os animais do nosso país sejam mais bem tratados do que as crianças. Nunca vi no Brasil um bezerro abandonado, nem cavalo sem ferradura no casco. Toda criança pobre tem que ter, no mínimo, direito a um sapato no pé.”

Pode haver dúvidas a respeito do número exato de salas, escolas e matrículas que Brizola criou, mas não há dúvidas de que o seu governo melhorou a vida de milhares de alunos, professores e comunidades. As suas escolas, além de facilitarem o acesso à educação nos lugares mais longínquos do estado, também tornaram sonhos possíveis. O sonho por uma educação de qualidade perdura até os dias atuais, e poucas pessoas tentam solucionar isso de forma tão apaixonada e confiante quanto Leonel Brizola.

Porém, com o passar do tempo, notou-se que não bastava ter centenas de escolas se não havia como sustentá-las: com professores, água, luz, alimentação e etc. Sonhos não materializam dinheiro. Brizola morreu em 2004, deixando seu legado a mercê dos atuais governantes. Na discussão da presente dissertação, serão citados diversos exemplos da situação em que se encontram as Brizoletas no ano de 2014.

3 METODOLOGIA

Nesse capítulo, a unidade de análise será explicitada em pormenores e as metodologias utilizadas no presente estudo, a história oral e a história cultural, serão analisadas conforme o seu contexto dentro da pesquisa.

3.1 UNIDADE DE ANÁLISE

O local escolhido foi o Instituto Estadual Rio Branco, situado na Avenida Protásio Alves, número 999 em Porto Alegre. O Instituto é vinculado ao governo do Estado e foi inaugurado em 8 de setembro de 1930, tendo alunos distribuídos entre Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A Brizoleta está localizada no pátio da Educação Infantil tendo sido construída no período entre 1959 e 1963. Tem duas salas de aula e um banheiro.

Essa escolha deveu-se ao fato de ter feito meu estágio do ensino fundamental no referido Instituto, tendo, portanto verificado a falta de conhecimento sobre a Brizoleta por parte do corpo docente. Conforme Silva (2001) ter facilidade de acesso a uma determinada organização e conhecer pessoas chave, tende a direcionar o autor a analisar problemas vinculados a esta organização.

3.2 MÉTODO UTILIZADO

Para tal estudo, foram utilizados como embasamento teórico a história cultural e a história oral. Para aporte teórico na coleta de dados a história oral foi a norteadora e como forma de analisar os dados a história cultural entrou nesse conjunto para uma melhor compreensão.

Segundo CHARTIER (1990), o objeto da história cultural é identificar o modo como uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler em diferentes tempos. Desta forma, deve tomar por objetos as suas formas e seus motivos, isto é, suas representações do mundo social.

A história cultural deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Contudo, para entendermos melhor o tal sentido,

devemos sempre levar em consideração os diferentes sujeitos, as diferentes especificidades do espaço e as diferentes formas de manifestação de práticas culturais. Trata-se de antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo (PESAVENTO, 2013).

Para melhor entendimento da história cultural, é de bom grado entendermos o conceito de representações culturais. O termo representação cultural teve como pioneiros Marcel Mauss e Emile Durkheim no início do século XX. Segundo esses estudos iniciais, as representações, expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos, formam como se fosse uma realidade paralela à existência dos indivíduos, fazendo os homens viverem por elas e nelas. (PESAVENTO 2013).

Segundo PESAVENTO (2006) as representações são presentificações de uma ausência, onde representante e representado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento (pág. 48). São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real.

Conforme CHARTIER (1990) a *realidade* seria analisada através das suas representações, sendo as mesmas consideradas como realidades de múltiplos sentidos. Por outro lado, Chartier tenta nos mostrar que existem práticas sociais que não podem ser reduzidas a “representações”, pois as mesmas possuem uma lógica autônoma. Surge então o conceito-chave de leitura, no qual torna-se indispensável o questionamento permanente sobre os diferentes sentidos adquiridos através das representações.

Nas palavras de PESAVENTO (2013):

“A representação é conceito ambíguo, pois na relação que se estabelece entre ausência e presença, a correspondência não é da ordem do mimético ou da transparência. A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele.”

Conforme PESAVENTO (2006), a cultura não pode ser estudada através de grandes feitos ou levando em consideração apenas grupos importantes e que tenham um lugar de destaque na história. Os homens simples, as vidas anônimas e a banalidade do cotidiano têm lugar na construção da história cultural, tal como a figura excepcional ou o gênio; tudo isso dependendo da pergunta que o historiador faça ao passado. Conclui-se daí a importância do pesquisador saber qual o público

alvo de sua pesquisa e qual o melhor caminho a ser traçado através de suas entrevistas.

As entrevistas foram realizadas conforme a metodologia utilizada na história oral, usando de aporte o manual do projeto Garimpando Memórias, desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte (CEME) dentro da Escola de Educação Física da UFRGS¹³.

A história oral tem sido cada vez mais difundida entre os historiadores. Ela utiliza-se de depoimentos para a reconstrução de uma determinada época. Vale lembrar que um relato pessoal descontextualizado não é uma fonte segura de pesquisa, uma vez que ela constitui parte de uma verdade vista ou vivida por uma pessoa, ou seja, constituindo uma possível interpretação/versão do fato ou história ocorrida. A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita.

Segundo GOELNNER, JAEGER (2007, p. 4)

“abordar historicamente um tema é, por que não pensar assim, construir um passeio por um tempo que é passado e presente, pois, apesar de distante na cronologia, carrega em si proximidades com representações, conceitos, preconceitos, formulações teóricas, construções estéticas, políticas e ideológicas desse tempo que é presente e que é nosso. É procurar nos fragmentos do passado vínculos e persistências com o presente e com o futuro, não no seu desenrolar contínuo e cronológico, mas na descontinuidade dos enlaces que entre eles vão se construindo.”

Alberti no seu Manual de História Oral (2004) diz que a história oral é um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se não somente de relatar uma época conforme documentos escritos por historiadores, mas sim de estudar essa época conforme a visão daqueles que realmente a vivenciaram, podendo surgir um diferente ponto de vista.

Ainda conforme o Manual de História Oral, a riqueza de um depoimento é inesgotável, servindo não apenas como fonte informativa, mas como um instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana com relação as redes de sociabilidade e com os processos macro culturais que

¹³ Para maiores informações acessar o site: <http://www.ufrgs.br/ceme/site/>

constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores e os personagens da história humana.

Para sustentar a metodologia da história oral em um ambiente escolar Alberti (2004, p. 20) diz:

“Com o tempo, o acervo do Programa História Oral foi sendo enriquecido com entrevistas que visavam compreender acontecimentos e conjunturas específicos da história do Brasil. Surgiram então os conjuntos de depoimentos sobre a formação e a trajetória de agências e empresas estatais, sobre a história de determinadas atividades profissionais, sobre a trajetória de instituições de ensino...”

CARDOSO (2011) também relata as fontes orais como uma nova forma de obtenção de documentos, além das tradicionais fontes para o estudo da História da Educação como documentos oficiais, relatórios de instrução pública, resoluções e leis, fontes escritas de natureza oficial em geral entre outros.

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi feita através de entrevistas (dados primários) do tipo semi-estruturado. O público alvo dessa pesquisa são os professores do Instituto Estadual Rio Branco.

Além das entrevistas, foram realizadas análises de documentos (dados secundários), como cartas, atas de reuniões, documentos administrativos, jornais e revistas da época, etc...

Foram entrevistados dez integrantes do corpo docente da Instituição. A entrevista teve um roteiro básico inicial. As entrevistas foram feitas dentro do ambiente escolar, onde os professores poderiam analisar a construção se tivessem o desejo. Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, não levando em conta há quanto tempo trabalhasse no Instituto. Foram entrevistados tanto professores que trabalham na escola há mais de dez anos, assim como professores que foram contratados ano passado.

Essa escolha aleatória foi para conseguirmos informações de todas as categorias de professores, e obter as mais diferentes opiniões. Também não foi levado em consideração o gênero ou a idade biológica.

Apesar das inúmeras tentativas, não foi possível localizar pessoas que estivessem realmente presentes na construção da escola por falta de documentos. No arquivo morto da escola ao qual tive acesso, existem documentos relacionados a professores e alunos apenas a partir de 1984 e a Brizoleta foi construída entre 1959 e 1963. Procurei a seguir na Secretaria de Educação, mas também lá não existe nenhum registro sobre a Brizoleta do Instituto Rio Branco, tampouco sobre os professores ou alunos ligados à escola naquela época.

Ainda buscando informações sobre a época da construção entrei em contato com o Arquivo Público do Estado. Também eles se mostraram incapazes de fornecer documentos relacionados com o assunto e época necessários para o estudo.

Com isso, a minha rede de entrevistados foi feita através do corpo docente do Instituto Rio Branco atuante no ano de 2014. Todos os entrevistados assinaram uma carta de cessão, cedendo os direitos autorais das entrevistas, autorizando a sua publicação e divulgação em qualquer meio.

Para melhor entendimento na análise das entrevistas (a seguir), montei uma tabela numerando os professores e explicitando a sua função dentro da escola.

| | Nome | Função/ Matéria ministrada |
|----|----------------|-----------------------------------|
| 1 | Alda Silveira | Língua portuguesa |
| 2 | Ana Cristina | Ducati (anos iniciais) |
| 3 | Cibele | Professora do quinto ano |
| 4 | Denise | Ducati (anos iniciais) |
| 5 | Elaine | Português |
| 6 | Elsa dos Anjos | Diretora |
| 7 | Fátima | Ciências |
| 8 | Gerson | Geografia |
| 9 | Jocemir João | Vice-diretor |
| 10 | Mara | Professora do quarto ano |

Tabela 2 – Professores entrevistados e suas respectivas funções

4 DISCUSSÃO

Neste capítulo detalharei os passos que tracei para o andamento do estudo, dentre eles, a dificuldade da aquisição de arquivos históricos sobre o assunto estudado, a resistência de alguns professores em conceder entrevistas e a vontade de todos de que a Brizoleta seja utilizada como espaço de conhecimento. Por conta disso pesquisei diversas Brizoletas ainda em funcionamento e suas fontes de renda para manterem-se ativas. Através deste conhecimento adquirido, sugiro alguns usos para a Brizoleta específica do estudo.

4.1 DIFICULDADES NA OBTENÇÃO DE DOCUMENTOS E ARQUIVOS

Para recontar a história da Brizoleta localizada no Instituto Estadual Rio Branco, seriam necessários documentos históricos que informassem a data de construção, o planejamento financeiro para a sua construção, talvez algumas fotos da inauguração, arquivos relacionados ao por que da sua inutilização atual, dentre tantos outros assuntos que poderiam ajudar em tal feito. Contudo, isso se tornou muito mais difícil do que o esperado.

Tive acesso irrestrito ao arquivo morto do Instituto e pesquisei todos os arquivos relacionados ou escritos na década de 1950 e 1960. O Instituto Estadual Rio Branco possui um grande acervo histórico, bem organizado e separado, valorizando significativamente a sua caminhada, sendo possível reconstruir toda a história do Instituto com esses documentos. O Instituto Estadual Rio Branco foi fundado no dia 8 de setembro de 1930, com o nome de Escola Elementar Bairro Rio Branco, em homenagem ao Barão de Rio Branco e sua primeira diretora foi a professora Branca Regina Lenzi.

Dentre a grande quantidade de documentos, pude encontrar alguns desde a sua inauguração em 1930, da comemoração de seus 25 anos em 1955 e da comemoração de 50 anos em 1980. Em todo o arquivo morto, não há absolutamente nada sobre as escolinhas do Brizola, e nenhuma referência a elas aparece em nenhum tipo de documento.

O registro dos professores da escola está disponível a partir de 1984, não indo de encontro ao período estudado. Pensei então em procurá-los na Secretária de

Educação do Rio Grande do Sul ou no Arquivo Público do Estado. Mas de novo me encontrei em um beco sem saída. Nenhuma das duas instituições possui tais documentos.

Não foi possível encontrar absolutamente nada a respeito da Brizoleta específica. Parece que ela simplesmente surgiu ali, abrigou alunos durante mais de 40 anos, até o momento em que começou a decair sem verbas, sendo infestada de cupins e não tendo mais nenhum tipo de reforma ou valor cultural visível. Segundo Elsa dos Anjos Costa, atual diretora do Instituto, em conjunto com relatos dos professores, a Brizoleta deixou de ser utilizada em 2007 por simples falta de manutenção.

4.2 AS APARÊNCIAS, ASSIM COMO A FALTA DE DOCUMENTAÇÃO, ENGANAM

Inicialmente acreditei que a falta de documentos que demonstrassem o descaso do atual corpo docente com a Brizoleta, mas conforme o estudo foi sendo desenvolvido, notei que até a falta de documentos foi parte de um processo multifatorial envolvendo diferentes personagens em diferentes épocas.

Para a execução do projeto, tive um envolvimento com os professores do Instituto assim como com a direção em especial. Além das entrevistas que me trariam as informações necessárias para o andamento do estudo, as conversas informais com o corpo docente foram de extrema valia.

Durante minhas conversas iniciais com a diretora, ela demonstrou grande carinho pela construção, até mencionando o fato de futuramente procurar a neta do Brizola para ser uma possível curadora para a Brizoleta.

Onde foram parar todas as referências a esse patrimônio cultural rio-grandense que não merece sequer uma menção na história da instituição?

No acervo do Instituto existem muitos documentos bem antigos, como exemplo: a ata de fundação da Escola datada de 1930, telegramas desde 1940, muitas fotos de 1944 documentando a colocação da pedra fundamental de um prédio destinado a ampliação da escola, jornais comemorativos aos 25 anos e aos 50 anos da escola (onde é recontada toda a sua jornada, desde o surgimento do primeiro prédio, a criação do grupo de pais e filhos, até a construção da lanchonete...). Mas da época de 1959 a 1963 (data foco do meu estudo) não há uma

foto, um registro, um telegrama sequer. Mais uma vez, para minha surpresa a Brizoleta não tem nenhuma foto.

Se pararmos para refletir, 1963 não é uma data tão distante assim. Passaram-se apenas cinquenta anos. Na história do Brasil, cinquenta anos não é quase nada. Contudo dentro deste período de cinquenta anos, vinte deles foram de uma ditadura pesada, nos quais pessoas foram sequestradas e mortas. Portanto cabe a pergunta: porque não queimariam certos arquivos vinculados ao governo de Brizola? Segundo o depoimento de um professor da instituição, que era militar na época, as pessoas evitavam até falar o nome de Brizola. Não podiam usar canetas vermelhas, pois o vermelho era ligado ao partido do qual Brizola fazia parte, e muito menos falar qualquer coisa boa ligada a ele. Brizola era tido quase como o anticristo.

Inicialmente este estudo seria feito com base em documentação histórica e no relato de professores que tivessem vivido a época na qual as Brizoletas faziam parte do sonho por um Rio Grande do Sul totalmente alfabetizado e educado. Esses relatos e a documentação existente seriam utilizados para desenvolver a história da Brizoleta sob o ponto de vista cultural e social através da história oral.

Como não foi possível manter as intenções originais do estudo mudei tanto o grupo a ser entrevistado quanto o objetivo inicialmente definido. Mantive as entrevistas através do ponto de vista da história oral, mas mudei o público alvo: entrevistei os professores do atual corpo docente. Também alterei o foco a ser dado. Antes queria reconstruir um período da história, agora quero entender como aquele período influenciou os dias atuais. Qual o valor cultural da Brizoleta atualmente? Qual o valor de um sonho antigo? O que eles realmente acham desse patrimônio cultural literalmente jogado as traças?

4.3 BRIZOLETAS PELO RIO GRANDE DO SUL

Incrivelmente, para a felicidade da história rio-grandense, ainda existem Brizoletas ativas por diversos lugares do Estado, abrigando alunos e passando conhecimentos dos mais variados. Pesquisando na internet localizei inúmeras histórias a respeito da utilização funcional das Brizoletas. Algumas estão descritas a seguir.

Na cidade de Barra Funda, em 2010, foi desenvolvido um projeto com as turmas da 8ª série do Ensino Fundamental da Escola Municipal Barra Funda no qual foi trabalhado um resgate histórico da educação do município, principalmente da história das Brizoletas, O projeto teve a participação das professoras e da Secretaria de Educação do município. A Brizoleta foi reformada e mudada de lugar, mas manteve as suas características arquitetônicas iniciais, estando agora localizada em frente a escola, pronta para visitas. Conforme afirmação dos envolvidos no projeto: “ela carrega em si marcas da história da educação rio-grandense, representando hoje a memória viva de nosso município, que precisa ser valorizada como merece: um patrimônio histórico e cultural da cidade.”

Em Passo Fundo uma Brizoleta da antiga Escola Municipal Padre Antônio Vieira, situada na localidade de Nossa Senhora da Paz, também foi restaurada por especialistas em conservação e recuperação de prédios históricos, sendo mantidas suas características originais. O investimento foi de R\$ 130 mil e será utilizada para o funcionamento de cursos de capacitação profissional, além de atividades do Departamento de Atendimento da Terceira Idade (Dati) e do Clube de Mães.

Duas Brizoletas, localizadas no interior de Gramado, foram tombadas como patrimônio histórico pelo Instituto Histórico e Artístico do Estado (Iphae). A votação foi decidida por unanimidade. Segundo o site consultado estas foram as primeiras Brizoletas tombadas do Estado. Tentando confirmar o tombamento, entrei em contato com o Iphae, que informou que o processo ainda não foi concluído. O tombamento das Brizoletas deverá facilitar a captação de recursos para a restauração dos prédios e preservação do seu entorno.¹⁴⁻¹⁵

No Vale do Caí, região composta por 20 municípios localizados no centro do Rio Grande do Sul, mais precisamente no Bairro Rio Branco, há uma Brizoleta em funcionamento e muito bem conservada. Atualmente ela é usada como sala da direção, sala de professores, biblioteca e audiovisual.

No interior do município de Erechim, no Km 10 do povoado de Argente, existe uma Brizoleta exatamente como foi construída 53 anos atrás. Com o nome de

¹⁴<http://www.gramado.onde.ir/noticias/camara-de-vereadores/item/10403-evandro-ratifica-pedido-sobre-brizoletas>

¹⁵<http://www.clicrbs.com.br/pioneiro/rs/imprensa/11,3557657,162,18345,imprensa.html>

Escola Estadual de Ensino Fundamental Rosa Argenta, ela preserva suas características iniciais e possui duas salas de aula, secretaria, sala de informática, refeitório, biblioteca e sala de vídeos. Com 180m² em uma área de 40 mil m² a escola possui onze alunos matriculados do 1º ao 5º ano. Em 2012, eles estavam pretendendo remodelar a horta e o pomar e fazer novos jardins. Durante as férias, alunos, ex-alunos e a comunidade em geral ajudam na manutenção do campo de futebol para que toda a comunidade possa utilizar o espaço. A diretora salienta que a escola também é um lugar para as crianças brincarem tranquilamente e para os adultos tomarem chimarrão. Por este motivo, todos devem ter o comprometimento de cuidar e preservar tão rico espaço.

Em Mato Perso, a 25 quilômetros de Flores da Cunha, existe uma Brizoleta atualmente chamada de Escola de Ensino Fundamental Antônio de Souza Neto, funcionando normalmente, com 81 alunos e nove professores. A briga da atual direção é pela municipalização da escola, passando assim as responsabilidades de manutenção para o município de Flores da Cunha. A prefeitura já se prontificou em modernizá-la.

A Brizoleta localizada em Rincão Del Rey está em funcionamento com uma turma de 20 alunos do oitavo ano e uma de 21 alunos do quarto ano. Também abriga 110 alunos do programa “Mais Escola”. Denominada de Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão do Triunfo, a escola espera há três anos pela ajuda do Estado para reformas da mesma. Mas mesmo ativa e abrigando dezenas de crianças, ela apresenta assoalho corroído, telhas, barrotes e rede elétrica danificados e a madeira está toda infestada de cupins, sendo uma sala foi interditada. O chefe da 6ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e Renato Araujo, responsável pelo setor de Obras Públicas, foram revisar as instalações em 2011 e declararam a situação como emergencial, mas até hoje nada foi feito. A diretora e professora, Helena Etges conta que em dias de chuva e frio, os alunos precisam ser retirados das salas. Em entrevista ao portal Gaz, podemos assistir, num vídeo online, a entrevista da professora relatando todos os problemas da Brizoleta¹⁶.

Também descobri a existência de Brizoletas ativas nas cidades de Rodeio Bonito, distrito de Saltinho e em Guaporé. Acredito que muitas outras devem

¹⁶<http://www.youtube.com/watch?v=OxkoaY6fb9o>

permanecer em funcionamento, mas sem estarem com suas informações disponíveis online.

Com exemplos assim, podemos notar que manter uma Brizoleta pode até ser uma tarefa difícil, mas não é impossível. Tanto é possível que até hoje existem muitas em funcionamento, da mesma forma simples com que foram construídas. Elas também podem ser utilizadas como espaços utilitários, abrigando diferentes indivíduos da comunidade. Podem ser utilizadas como museus, lugares adaptados para necessidades da comunidade, salas de aula para a educação física em dias de chuva, entre tantas outras possibilidades.

4.4 POSSÍVEIS FORMAS DE UTILIZAÇÃO DA BRIZOLETA NO INSTITUTO

Tomando como base as experiências descritas acima e em conjunto com o meu conhecimento da dinâmica educacional do Instituto posso sugerir algumas utilizações para a Brizoleta. Acredito que com uma boa reforma, feita por profissionais especialistas em conservação e recuperação de prédios históricos, e mantendo suas características originais, a Brizoleta poderia ser palco de muitas atividades.

O Instituto possui um ginásio em condições precárias de manutenção, sem condições de uso, pois o teto pode vir a cair a qualquer momento. Com isso, nos dias chuvosos, nos períodos destinados a Educação Física, as turmas são obrigadas a permanecer dentro das próprias salas de aula, que possui um espaço muito limitado. Não existe outro lugar disponível para utilização nestes dias. A Brizoleta poderia ser transformada em um lugar para a prática de atividades físicas em ambiente fechado.

Ela também poderia servir como um museu, transferindo documentos e materiais históricos, hoje guardados dentro de caixas no arquivo morto do Instituto.

E, talvez, pudesse simplesmente ter resgatado seu projeto original servindo como mais salas de aulas. O fato de estudar dentro de uma Brizoleta, um “poço de pura história”, poderia inspirar uma maior vontade de aprendizagem.

Contudo, os exemplos que possuímos sobre Brizoletas em funcionamento estão todos relacionados àquelas localizadas no interior.

Porém, apesar de tantos formatos e funções que a Brizoleta pode assumir, não podemos vê-la somente com um olhar utilitário de apenas mais um espaço para utilização. Deve ser vista, em primeiro lugar, como um patrimônio cultural, fornecedora de conhecimentos, podendo vir a ser objeto de estudo, nas matérias que possam ser a ela relacionadas.

4.5 PATRIMÔNIOCULTURAL X BRIZOLETAS

Utilizo nesse estudo a expressão patrimônio cultural ao invés de patrimônio histórico. Não existe um conceito correto, mas atualmente vem utilizando-se mais o conceito patrimônio cultural pela sua maior maleabilidade, referindo-se ao conjunto referente às identidades coletivas, contrastando-se ao termo patrimônio histórico, cujo conceito focava mais na materialidade, em algo sólido e indestrutível.

Conforme TOMAZ (2010, pág5) a preservação de bens patrimoniais deve ter por finalidade conservar traços da vida comum, quotidiana, e mostrar como vivia a sociedade em determinada época. E o que torna um bem dotado de valor patrimonial é a atribuição de sentidos ou significados que tal bem possui para determinado grupo social, justificando assim sua preservação.

Ao se contemplar um espaço de relevância histórica, esse espaço acaba por evocar lembranças de um passado que, mesmo remoto, é capaz de produzir sentimentos e sensações que parecem fazer reviver momentos e fatos ali vividos que fundamentam e explicam a realidade presente. Tal memória pode ser despertada através de lugares e edificações capazes de fazer rememorar a forma de vida daqueles que no se utilizaram de tais construções no passado. Por isso, cada edificação carrega em si não apenas o material de que é composto, mas toda uma gama de vivências e significados. (TOMAZ, 2010).

Segundo o decreto Decreto-Lei nº 25, de 30 de Novembro de 1936 é considerado um patrimônio histórico:

“Art. 1º. Constitue o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, querpor sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcionavalor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.”

De acordo com o trecho acima, vale salientar que as Brizoletas certamente possuem uma ligação latente a “fatos memoráveis” da história do Brasil e do Rio Grande do Sul conforme já demonstrado anteriormente.

A instituição no Brasil responsável pela preservação de patrimônios históricos é o IPHAN¹⁷. Ao consultar a documentação disponível no site da referida instituição quanto ao tombamento de bens e imóveis de interesse cultural ou ambiental, localizei o texto a seguir:

“O tombamento é aplicado aos bens materiais de interesse para a preservação da memória coletiva. A preservação desses bens, por meio do tombamento, significa o reconhecimento oficial do seu valor e do seu significado para a compreensão da história e da identidade de uma comunidade, de uma região, de um povo, de uma nação (...)”

O tombamento pode ser ou de bens móveis (acervos museológicos, coleções iconográficas, entre outros) ou bens imóveis. No caso da Brizoleta o tombamento seria classificado como um bem imóvel por tratar-se de uma edificação.

Conforme a cartilha da Iphae referente aos processos de tombamento, devem ser tombados “bens de valor cultural que possuam valor histórico, artístico, arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico, bem como sítios urbanos, monumentos e paisagens¹⁸.”

¹⁷Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

¹⁸<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=DownloadDetalhesAc&item=51100>

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Aqui serão debatidos os resultados das entrevistas realizadas com o corpo docente do Instituto, assim como a divulgação de trechos em algumas vezes autoexplicativos. Detalharei as dificuldades na realização das entrevistas, as descobertas surpreendentes e o envolvimento do corpo docente com essa construção.

5.1 SURPRESAS NA REALIZAÇÃO DO ESTUDO

E como o previsto, imprevistos surgem no caminho do pesquisador. No dia em que iria iniciar as entrevistas com os professores do Instituto Estadual Rio Branco, relatei para a diretora algumas descobertas recentes da minha pesquisa. Dentre elas, a descoberta de escolas que recebiam verbas para a manutenção das Brizoletas; Brizoletas que haviam sido tombadas como patrimônio cultural; e principalmente o fato de ainda haver algumas Brizoletas em pleno funcionamento no Rio Grande do Sul.

Notei que ela ficou muito animada com as novidades e descobri, tarde demais, que essa conversa gerou uma interpretação um tanto quanto errônea do foco do meu trabalho. Não havia previsto a reviravolta que essa conversa acarretaria.

Para a realização das entrevistas com os professores, esperei que a Diretora Elsa me apresentasse para o corpo docente no horário do intervalo, pois este é o único horário disponível dos professores. Para minha surpresa, ao fazer a apresentação do meu trabalho, a Diretora Elsa fez uma introdução sobre o que era uma Brizoleta e sobre a possibilidade do ganho de mais duas salas de aula no Instituto. Ressaltou inúmeras vezes a importância da escola poder contar com mais aquele espaço, exaltando sempre a importância da construção.

A Diretora concluiu que minha pesquisa poderia servir como parte de um projeto para a revitalização da Brizoleta e talvez alguns possíveis acordos com o Governo em busca de orçamento. Apesar de em nenhum momento ter pensado sobre isso, ao ver o entusiasmo da diretora, comecei a visualizar a recuperação da Brizoleta como uma meta tangível num futuro não muito distante.

Contudo, meu objetivo inicial que seria conversar com os professores informalmente e descobrir o que elas realmente e instintivamente achavam ser a construção perto do prédio infantil, tornou-se, em determinados momentos, um tipo de questionário com perguntas certas ou erradas.

Todavia, mesmo com a explicação prévia sobre o que eram as Brizoletas, as respostas diferiram consideravelmente umas das outras. O corpo docente é composto por professores que trabalham em diferentes turnos em diversas escolas, portanto existem mudanças no grupo conforme os dias e horários da semana. Como as entrevistas ocorreram em diferentes visitas ao Instituto, me deparei com diferentes composições de professores nos horários dos intervalos.

Foram entrevistados dez professores de diferentes áreas de conhecimento, etapas de ensino e vínculo com a escola. Dentre as áreas de ensino entrevistei professores de ciências, matemática, português e geografia. Quanto às etapas, entrevistei professores dos anos iniciais e finais e quanto ao vínculo: professores, substitutos e membros da diretoria.

5.2 APRESENTAÇÃO DAS RESPOSTAS RELACIONADAS AO ROTEIRO BÁSICO

O questionário tinha as seguintes perguntas guias:

- a) Você sabe o que é aquela construção de madeira no pátio perto da educação infantil?
- b) Você já deu aula lá?
- c) O que você sabe sobre ela?
- d) Qual o valor dela para a escola?
- e) Qual o valor dela para você?
- f) O que você acha que deveria ser feito em relação a ela?

As respostas dos professores e sua análise estão separadas nos tópicos apresentados a seguir.

5.2.1 Você sabe o que é aquela construção de madeira perto da educação infantil?

Das dez pessoas entrevistadas, nove sabiam que a construção era uma Brizoleta. Apenas um professor assumiu não ter noção do que era a construção. Ele mal sabia qual era o prédio sobre o qual eu estava falando.

Não sei quantas realmente sabiam, antes da apresentação feita pela Diretora.

5.2.2 Você já deu aula lá?

Apenas uma professora entrevistada deu aula em uma das salas da Brizoleta. Ela disse ter dado aula lá durante seis meses em 2007, até a Brizoleta ter sido desocupada por falta de segurança.

Alguns professores relataram que não deram aula lá, mas que tinham vontade.

5.2.3 O que você sabe sobre ela?

Esta foi uma pergunta que obteve respostas muito discrepantes. Foi de respostas bem simples como: “Eu sei que ela é antiga e que os alunos adoravam ter aula lá (professora 2).” ou “Acho que são duas salas com um banheiro e está lá jogada. Então é uma parte importante da escola que está ociosa (professora 1).” até respostas mais bem elaboradas como “Elas foram construídas com o objetivo de divulgar o ensino, e eram planejadas para que as crianças pudessem ter aula o dia inteiro (...). Era um projeto meio utópico mas bem bonito. Para nós que estamos na educação, que gostamos das crianças, acho importante que as crianças realmente pudessem ficar (professora 5).”

5.2.4 Qual o valor dela para o Instituto Estadual Rio Branco?

Os professores diferiram muito nas respostas dadas ao valor relativo da Brizoleta para o Instituto. As respostas variaram entre:

“Ela é um patrimônio, não é? (professora 2)”;

“Eu acho que foi um projeto maravilhoso, que se a escola tivesse respeito, os professores que trabalhavam naquela época, talvez hoje nós não precisássemos brigar por projetos. Tirando que ela é um patrimônio histórico. Já que nós temos a história viva do Brizola na história, nós tivemos a oportunidade de conhecê-lo e nós sabemos que isso foi uma coisa mentalizada por ele. Então além de ser um prédio, ele conta a história de alguém que era muito importante para o Rio Grande do Sul (professora 5).”.

Algumas respostas convergiram para o valor da Brizoleta como um espaço de uso como:

“Nós consideramos ela um patrimônio. Tanto do Estado quanto dentro da Escola. Até no Estado, não só em Porto Alegre, são pouquíssimas as escolas que ainda tem esses prédios. A verba que recebemos não nos dá condições de reformar porque ali tem que ser uma reforma geral, desde o alicerce até o telhado. (...) Então seriam salas muito bem aproveitadas se tivessem condições físicas (professora 6).”;

“Eu gosto bastante de dar aulas ao ar livre e ali acho que seria um espaço que eu usaria bastante se estivesse disponível. Ela deveria ser revitalizada com certeza (professora 3).”

Em outras entrevistas, os professores dão algumas sugestões de funções que a Brizoleta poderia assumir, sendo encontradas em respostas como:

“Poderia ser mais um prédio alternativo, onde pudesse ter um teatro, pudesse ter um cinema, uma sala para a educação física, alguma coisa assim que toda a escola pudesse usufruir, que os professores também pudessem ter seus momentos de lazer (professora 7).”;

“Acho que ela é importantíssima, pois é mais um espaço alternativo. Com ela teríamos mais salas de aula ou mais uma sala de recursos ou de repente até uma sala multiuso, uma sala de jogos. Tanto para o fundamental quanto o médio, Tudo que nós temos de espaço educativo deveríamos ter (professor 9).”;

“Acho que está como um espaço ocioso agora que poderia muito bem ser ocupado para qualquer evento, uma sala de recursos, uma sala de jogos, sala para a educação física nos dias de chuva... (professora 10)”

5.2.5 Qual o valor dela para você?

Em relação à pergunta do valor agregado ao valor pessoal dado aquela construção, a maioria das respostas também enfatizou o valor utilitário da Brizoleta. Podemos notar em trechos como:

“Para mim é um lugar muito bom, muito adequado para criança pequena porque é muito calmo (professora 2).”;

“Ela faz parte da escola e faz falta, muita falta para mim e para todos outros professores (professor 8)”;

“Às vezes eu sinto falta de dar aulas em ambientes diferentes para os meus alunos (professora 4).”;

“Com ela teríamos mais salas de aula ou mais uma sala de recursos ou de repente até uma sala multiuso, uma sala de jogos. Tanto para o fundamental quanto o médio, Tudo que nós temos de espaço educativo deveríamos ter (professora 6).”

Também obtive respostas com valor um tanto quanto sentimental como:

“Valor para mim é o valor histórico: não gostaria de perder, ou dar espaço para outra construção, mas sim reformar ou restaurar para que servisse como um espaço de educação e história do estado (professora 5).”

5.2.6 O que você acha que deveria ser feito com aquela construção?

Quando perguntados sobre o que deveria ser feito em relação a Brizoleta, a maioria dos entrevistados disseram que ela deveria ser restaurada ou passar por uma bela reforma. Segundo uma das professoras: “Eu acho que ela (Brizoleta) deveria ser preservada, toda reformulada por uma equipe de arquitetos que trabalhassem com preservação e restauração para mantermos a história viva. (professora 5)”.

A necessidade de a Brizoleta ser tratada por especialistas em história e manutenção da construção foi citada também por outra professora: “Eu acho que alguém deveria avaliar aquela obra, aquela construção se pode ser reformada para ser reutilizada (professor 8)”.

Como disse a diretora da instituição: “Olha se nós tivéssemos condições, ou tivéssemos uma parceria ou um patrocínio, era fazer com que as salas de aula voltassem a funcionar em boas condições (professora 6).”.

5.3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS

O questionário básico levou a descobertas mais profundas, que me fizeram repensar o espaço da Brizoleta dentro do Instituto. Como uma admiradora da história e das representações culturais da Brizoleta, acabei esquecendo-me de relativizar o espaço público ao qual ela pertence. A Brizoleta inserida em um ambiente escolar no Brasil, acaba tornando-se um espaço de suma importância no aumento da capacidade física.

Além da sua importância cultural e possível classificação como patrimônio cultural, a Brizoleta também ocupa um espaço utilitário que poderia ser de suma importância para o Instituto. Alguns professores veem a Brizoleta como um prédio histórico digno de conservação, mas também a veem como o ganho ou perda de um espaço utilitário.

Pude notar também não ser por falta de vontade que a Brizoleta não é restaurada. Todos os professores entrevistados reforçaram a vontade de utilizar a construção. Na realidade, não é feito nada a respeito da Brizoleta pela falta de verbas para tal.

A Diretora salienta a respeito das verbas para a manutenção do Instituto: “A verba que recebemos não nos dá condições de reformar porque ali tem que ser uma reforma geral, desde o alicerce até o telhado. Instalação elétrica, instalação sanitária... (professora 6)”.

O estado que se encontra a Brizoleta também foi bastante levantado. Todos os professores quando perguntados sobre o que deveria ser feito acerca do prédio histórico não pensaram duas vezes antes de responder que ele deveria ser reformado. A Diretora conta sobre os atuais habitantes da Brizoleta e o estado que ela se encontra: “Atualmente os cupins tomaram conta, o telhado está caindo porque o forro era tipo um cartonado, então aquilo ali desabou com o tempo. (...). Tem outro agravante ali que são aqueles guapuruvus, que é uma planta que a raiz não vai para baixo do solo, ela sobe. E aquilo ali é muito perigoso em dia de vento, em dia de chuva, de cair por cima do prédio. Então antes da reforma, primeira coisa, a gente precisa uma autorização da Secretária da Agricultura para poder retirar as árvores dali para poder fazer a reforma.”.

Através das conversas com o corpo docente e alguns funcionários da escola, consegui dados suficientes para concluir que a Brizoleta foi desativada em 2007 por falta de estrutura considerada segura para que pudessem utilizá-la. Isso, contudo, não está escrito em nenhum documento, além da atual pesquisa.

5.4 REPERCUSSÕES DO ESTUDO

Conforme citado anteriormente, a diretora do Instituto havia sugerido nos primeiros encontros, a possibilidade de um encontro com a neta de Brizola, atual deputada estadual pelo PTB, Juliana Brizola para um debate sobre as possibilidades de recuperação da Brizoleta.

Então, no dia 14 de Maio de 2014 ocorreu o tão esperado encontro entre a deputada e a Brizoleta. Juliana acredita muito no potencial da construção e no seu valor tanto histórico quanto sentimental. Nas palavras de Juliana: “Essas Brizoletas são parte da história da vida do meu avô. É de suma importância que elas sejam preservadas”.

No encontro foram discutidas diversas questões acerca da Brizoleta localizada no Instituto e a deputada assegurou que iria tomar algumas providências para obtenção de recursos para a preservação da mesma.

Foi acordado que a deputada tentaria ir atrás de verbas para que a Brizoleta tivesse seu destino merecido. Durante o período em que esse estudo ocorreu, nenhuma ação foi concretizada e nenhum plano foi posto em prática para a revitalização da Brizoleta. Com essa observação, não descarto a possibilidade de um plano vir a ser posto em prática, só reafirmo que até o fechamento do mesmo, nada mudou na condição precária na qual a Brizoleta do Instituto Rio Branco se encontra.



Figura 3 Encontro para discutir situação da Brizoleta do Instituto Rio Branco (da direita para a esquerda: Letícia Baldasso, André Fortes (assessor parlamentar), Jocemir (vice diretor), Juliana Brizola e Elsa dos Anjos(diretora))

Fonte: Acervo Pessoal, 2014

6 CONCLUINDO...

Descobri as Brizoletas durante o estágio de docência da educação física no Ensino Fundamental, no Instituto Estadual Rio Branco, em Porto Alegre. Deparei-me com um prédio de madeira pequeno e abandonado, entre prédios maiores e de alvenaria. Pensei: como aquele prédio, de relevância histórica para toda a comunidade rio-grandense se encontrava naquele estado e, aparentemente, absolutamente invisível aos olhos da comunidade escolar desta Escola? Este tema se transformou em meu Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física da ESEF da UFRGS.

Provavelmente, minha formação na condição de bolsista de iniciação científica no Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo (GRECO) e junto ao Centro de Memória do Esporte (CEME) com a história oral, tenha sustentado meu olhar para a problematização do fenômeno de estudo. Assim, retomo o objetivo geral do estudo que foi delimitado da seguinte maneira: compreender o lugar das Brizoletas para os professores do Instituto Estadual Rio Branco em Porto Alegre.

A partir desta formulação, as informações começaram a ser coletadas no Rio Branco, com os professores. Ocorre que em determinado momento a Diretora da Escola fez uma fala aos colegas e disse para eles quem eu era e o que queria na Escola, explicando, na perspectiva dela, o que era a Brizoleta e qual sua importância para a Escola. Fui obrigada a repensar os objetivos específicos e adequar à nova configuração de pesquisa, pois a partir daquele instante os professores foram “contaminados” pela informação da Diretora.

Através das informações coletadas consegui reconstruir pouquíssimos detalhes da história da Brizoleta pelo viés da história oral, não havendo documentos para consulta em nenhum lugar. Este fato talvez possa ser interpretado como uma ilustração do lugar da Brizoleta na cultura rio-grandense e, de modo específico, na comunidade escolar do Rio Branco. Não houve preocupação com o registro e a manutenção de arquivos que permitissem aprender com a própria história, reconhecendo-se nela e na cultura produzida e ressignificada no tempo.

Parece interessante o atrevimento em pensar por que há mais Brizoletas conservadas e em atividade em algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul do que na capital, em Porto Alegre? Seria a cultura compartilhada nestas localidades

mais sensível a preservação do histórico-cultural do que em cidades maiores, como Porto Alegre?

O valor histórico da Brizoleta do Rio Branco para os professores participantes do estudo é definido pelo caráter de utilidade que o prédio possui. Entendo que os professores desta tradicional Escola de Porto Alegre, pelo fato de terem um espaço físico restrito, tendem a se posicionar desta maneira de modo que haja mais espaços para as atividades do cotidiano escolar, atendendo a todos e a todas as necessidades da Escola. Contudo, esclareço que alguns professores participantes reconhecem o valor histórico e se posicionam a favor da preservação do patrimônio e tratado como tal, ao ponto de defender o trabalho especializado na reforma e manutenção das características originais, permitindo, também, que o prédio preservado seja objeto de possíveis estudos por parte da comunidade discente e, quem sabe, por parte da academia.

Partindo da análise do Decreto-Lei nº 25, de 30 de Novembro de 1936 que estabelece o que é considerado um patrimônio histórico, dos arquivos do IPHAN e do IPHAE, entendendo que não só é possível como obrigatório preservar e resgatar a Brizoleta como patrimônio cultural, como possibilidade de inclusão na condição de conteúdo de ensino nas disciplinas pertinentes do currículo escolar e, também, como espaço de utilização.

Durante a realização do presente estudo, pude concluir que a história oral é uma ótima metodologia para a reconstrução de histórias acerca de prédios históricos que não possuem uma documentação adequada. Também tive o privilégio de conhecer melhor o funcionamento de uma escola estadual e seu corpo docente, mudando a minha maneira de julgar a educação de uma forma extrínseca e sem embasamento real.

Com as pesquisas realizadas junto a documentos sobre patrimônios culturais, descobri que o meu sonho de ver a Brizoleta constituir-se como patrimônio cultural pode ser concretizado tanto pela literatura quanto por decretos-leis. É de suma importância que a pesquisa atual siga rumo a concretização de tal desejo, beneficiando a história rio-grandense e a comunidade que cerca a construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. FGV Editora, 2004.

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografianahistória oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5] f.

BEMFICA, Flavia Cristina Maggi. **Desconstruindo mitos**. Mestrado em História. Campinas: UNICAMP (2001).

BLOG DO GERSON: **Comunidade do Caraha quer manter história da Brizoleta**.

Disponível em:

http://www.blogdogerson.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1905:comunidade-do-caraha-nao-quer-manter-historia-da-brizoleta&catid=57:geral&Itemid=62 Acessado em: 10/04/2014

BRAGA, Kenny (Coord.). **Leonel Brizola: perfil, discursos e testemunhos (1922-2004)**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Assembleia Legislativa, 2004.

BRIZOLA, Juliana. **Escola de Tempo Integral: a semente do amanhã**. Assembleia dos Gaúchos, a casa dos grandes debates. Porto Alegre, 2ª edição, 2013.

CEMIN, Viviana. **"Não só de pão vive o homem: a construção de escolas no governo Brizola a partir das fotografias da Assessoria de Imprensa do Palácio Piratini (1959–1963)"** (2010).

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

ELETRICISTA INSTALADOR MARIO SARAVANHO. Disponível em:

<http://eletricistamario.blogspot.com.br/2012/06/ultima-escola-brizoleta.html> Acessado em: 10/04/2014

GAZ: **Escola aguarda por solução para brizoleta há três anos**. Disponível em:

http://www.gaz.com.br/_conteudo/2014/03/noticias/regional/16358-escola-aguarda-por-solucao-para-brizoleta-ha-tres-anos.html Acesso em 10/04/2014

GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice. **Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Educação olímpica: o papel pedagógico dos centros de documentação e memória.** In: REPPOLD FILHO, Alberto R. et al. (Org.). Olimpismo e educação olímpica no Brasil. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009, p. 222-229.

HISTÓRIAS DO VALE DO CAI: **Uma brizoleta em bom estado.** Disponível em: <http://historiasvalecai.blogspot.com.br/2011/10/1246-uma-brizoleta-em-bom-estado.html> Acessado em: 10/04/2014

JORNAL BOA VISTA: **Brizoleta, Mobral e a realidade atual.** Disponível em: <http://www.jornalboavista.com.br/site/noticia/18978/brizoleta-mobral-e-a-realidade-atual> Acessado em: 10/04/2014

LEITE FILHO, Francisco das Chagas. **"El caudilho: Leonel Brizola: um perfil biográfico."** São Paulo: Aquariana (2008).

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MEYHY, José Carlos S. B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Editora Contexto, 2010.

PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO. Disponível em: <http://www.ptb.org.br> Acessado em: 10/04/2014

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** Autêntica, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "**Cultura e representações, uma trajetória.**" Anos 90 13.23 (2006).

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA FUNDA: "**Brizoletas**": Patrimônio Histórico e cultural do município, 2012.

<http://www.barrafunda.rs.gov.br/site/o-municipio/noticias/148-brizoletas-patrimonio-historico-e-cultural-do-municipio.html> Acessado em: 01/04/2014

QUADROS, Claudemir de. **As brizoletas cobrindo o Rio Grande**: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963). Editora UFSM, 2003.

QUADROS, Claudemir de. "**Marcas do tempo**: imagens e memórias das brizoletas." Santa Maria: Unifra (2005).

QUADROS, Claudemir de. "**Brizoletas**: a ação do governo de Leonel Brizola na educação pública do Rio Grande do Sul" (1959-1963). Revista Teias 2.3 (2001): 12-20.

REDE SUL DE RÁDIO: **Guaporé luta pela preservação de antiga Brizoleta.**

Disponível em:

<http://www.redesul.am.br/Noticias/Cultura/16/05/2013/Guapore-luta-pela-preservacao-de-antiga-Brizoleta/125432/> acessado em: 10/04/2014

SILVA, Tatiana Dias. "**O caso do estudo de caso**: a preferência metodológica na produção discente do núcleo de pós-graduação em administração da Universidade Federal da Bahia no período de 1999 a Julho de 2001." Caderno de Pesquisas em Administração/Programa de pós-graduação em Administração da FEA/USP. São Paulo: Universidade de São Paulo 9.3 (2002): 81-88.

TOMAZ, Paulo Cesar. "**A Preservação do Patrimônio Cultural e sua Trajetória no Brasil.**" In: Revista Fenix-Revista de História e Estudos Culturais 7.

VELHO, Alceu Barbosa. **Pedida municipalização de brizoleta no interior de Flores da Cunha.** Disponível em:

<http://alceubarbosavelho.wordpress.com/2011/12/07/pedida-municipalizacao-de-brizoleta-no-interior-de-flores-da-cunha/> Acessado em: 10/04/2014